

Chacareiros estão cercados

JASON PASCOAL

Eles eram maioria. Agora vivem isolados, cercados pelos condomínios que surgiram em uma velocidade impressionante e que mudou o cenário urbanístico do Distrito Federal. Juntos com eles, vieram as pressões para que os agricultores das colônias agrícolas Samambaia e Vicente Pires vendam suas chácaras para que novos loteamentos irregulares surjam no local. Das 512 chácaras existentes nas duas colônias que eram destinadas à agricultura, pouco mais de 100 não foram loteadas.

Algumas destas propriedades chegam a ser cotadas em R\$ 3 milhões. Dinheiro que faz muitos pensarem em se desfazer da terra onde cultivam hortaliças, verduras e frutas há 20, 30, 40 anos. Poucos são os que falam em resistir ao ataque imobiliário. Inácio Kasegava, 52 anos, é um deles.

Há 30 anos, ele arrendou a propriedade, que pertence à Fundação Zoobotânica do DF. São três hectares, onde planta alface, agrião, tomate e tudo o que puder lhe render o sustento da família. Sua produção é destinada aos restaurantes, lanchonetes e supermer-

cados de todo o DF. Ele não revela quanto fatura por mês, mas diz que seu padrão de vida equivale ao de uma pessoa da classe média.

O pequeno agricultor sabe, porém, que mais valioso do que sua produção é a terra que cultiva, que fica na Colônia Agrícola Vicente Pires. "Quase toda semana aparece alguém querendo comprar, mas não vou vender porque sei que não vou me acostumar a viver em outro lugar; gosto do que faço e gosto de onde estou", diz. A última proposta que teve foi de R\$ 600 mil pelos três hectares. "Eu recusei porque quem se empolga com um di-

nheiro deste vai acabar terminando a vida precisando de favores dos outros", ensina.

O vizinho de Kasegava, o agricultor Mário Tadashi, 51 anos, recebe investidas de pessoas que se dizem corretores bem mais pesadas. Com uma plantação mais modesta, ele explica que já lhe ofereceram R\$ 1,5 milhão pela propriedade. São sete hectares, utilizados para o plantio de hortaliças. Tadashi vende a produção no varejo e atacado há 39 anos. "Eu não quero sair daqui e não adianta me fazerem propostas", afirma.

Mais grilagem na página A-8



KASEGAVA: "Não me acostumaria em outro lugar"